

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
VAGNER DE OLIVEIRA PROÊNCIO**

**CRÍTICA BACONIANA A VÃ FILOSOFIA: FUNDAMENTO PARA UM
CONHECIMENTO CONCRETO E APREENSÍVEL AO HOMEM**

JUIZ DE FORA
2021

VAGNER DE OLIVEIRA PROÊNCIO

**CRÍTICA BACONIANA A VÃ FILOSOFIA: FUNDAMENTO PARA UM
CONHECIMENTO CONCRETO E APREENSÍVEL AO HOMEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Centro Universitário Academia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador(a): Prof.^a Me. Regina Lucia Praxedes de Meirelles

JUIZ DE FORA
2021

PROÊNCIO, Vagner de Oliveira. **Crítica baconiana a vã filosofia: fundamento para um conhecimento concreto e apreensível ao homem.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Me. Regina Lúcia Praxedes (UniAcademia)
Orientador

Prof.a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)
Presidente

Prof. Dr. Robione Antônio Landim (UniAcademia)
Leitor

Examinado(a) em: ____/____/____.

Dedico este trabalho principalmente a minha querida avó Estelita que veio a falecer no mês de setembro deste ano, pois sempre me apoiou em cada decisão que tomei em meio aos meus estudos, mesmo sendo ela de outra religião nunca desistiu de me ver estudado, mesmo sendo contrário à sua crença. Dedico também aos meus pais, minha outra avó, irmãos, paroquianos e amigos que sempre estiveram ao meu lado nestes longos anos. Nunca serei suficientemente grato a vocês, por esta grande ajuda em minha caminhada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro Lugar ao Bom Deus que me criou, dando-me a possibilidade de crescer e ser educado na vida e fé de meus avós e depois de meus pais. Me proporcionou cursar esta faculdade a qual me abriu margens para o conhecimento inimaginado em minha infância.

Agradeço aos meus pais que se dedicaram em todo momento, apesar da distância, a me acariciarem nos momentos difíceis.

À minha avó Estelita, que desde o primeiro dia que falei que ia assumir este compromisso ela me apoio incansavelmente, com orações, carinho, sempre com um sorriso me dizia, você vai conseguir meu neto, tenha fé! Mesmo sabendo da jornada que iniciava longe de sua crença religiosa, ela depositou fé em mim, por isso consegui chegar até aqui.

Agradeço também aos meus amigos Elvimá e Felipe, que me deram paz de espírito, em cada conversa, em cada férias que eu passava ao lado deles, sem contar as conversas ao telefone. Deus os abençoe!

Agradeço aos formadores Pe. Edmilson e Pe. Paulo pela oportunidade junto ao seminário Nossa Senhora de Guadalupe, e aos seminaristas e principalmente Heitor, Henrique e Maycon amigos que Deus me deu nesta jornada, pelas conversas, debates filosóficos e sobre a vida, me ajudaram a nortear a minha pesquisa.

Ao Centro Universitário Academia pelo ensino ministrado com qualidade e pelo incentivo à pesquisa.

Aos meus professores e professoras, pela dedicação e competência, especialmente à minha estimada e atenta orientadora, Prof.a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles

Pelo pecado o homem perdeu a inocência
e o domínio das Criaturas.
Francis Bacon

Ambas as perdas podem ser reparadas,
[...] a primeira com a religião e com a fé, a
segunda com a arte e as ciências
Francis bacon

RESUMO

PROÊNCIO, Vagner de Oliveira. **Crítica baconiana a vã filosofia: fundamento para um conhecimento concreto e apreensível ao homem.** 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar o pensamento e a contribuição do filósofo Francis Bacon (1561-1626), para um verdadeiro e científico conhecimento, em que a natureza é a ferramenta perfeita para sua aprimoração. Percorrer-se-á a sua obra o Progresso do conhecimento, onde será explanada a noção da Natureza como meio perfeito para a composição do saber, a noção de Deus como criador e o fornecedor deste meio e a noção de Homem como o principal e único receptor desta herança, além de ser o principal investigador dela. Serão abordadas algumas noções como a teoria dos ídolos que provocaram o seu desgosto por algumas afirmações feitas pelos filósofos antigos a respeito do método de conhecimento e a efetiva troca feita por ele por um método novo e mais eficaz. Portanto a partir desta tese o olhar para esta realidade e tudo o que nela precisa ser outro, precisa ser um olhar analítico para que as respostas ao que temos possam ser válidas.

Palavras-chave: Conhecimento. Natureza. Progresso. Método

ABSTRACT

The present work has as main objective to present the thought and contribution of the philosopher Francis Bacon (1561-1626), for a true and scientific knowledge, in which nature is the perfect tool for its improvement. His work will be covered in the Progress of knowledge, where the notion of Nature as the perfect means for the composition of knowledge will be explained, the notion of God as creator and supplier of this means and the notion of Man as the main and only recipient of this heritage, in addition to being its main investigator. Some notions will be discussed, such as the theory of idols that provoked his displeasure due to some statements made by ancient philosophers about the method of knowledge and the effective exchange made by it for a new and more efficient method. Therefore, from this thesis, looking at this reality and everything that needs to be different in it, needs to be an analytical look so that the answers to what we have can be valid.

Keywords: Knowledge. Nature. Progress. Method

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DA CONCEPÇÃO MODERNA DE CRIAÇÃO AO CONHECIMENTO: O RENASCIMENTO E O ANTROPOCENTRISMO	14
2.1 CONCEPÇÃO MODERNA DE DEUS: O GRANDE ARQUITETO	17
2.2 HOMEM: DUAS CONCEPÇÕES CRIVADAS PELO ERRO DO PASSADO, RECRIAÇÃO DE UM NOVO HOMEM COM INTEIRA AUTONOMIA	19
2.3 NATUREZA DAS COISAS: FONTE E FERRAMENTA DE PESQUISA.....	21
3 CONHECIMENTO AO LONGO DA HISTÓRIA A PARTIR DE UMA VISÃO BACONIANA	26
3.1 PENSAMENTO MÍTICO E O PENSAMENTO FILOSÓFICO GREGO E ESCOLÁSTICO	26
3.2 TEORIA DOS ÍDOLOS.....	30
4 A FORMA MAIS CONCRETA DE CONHECIMENTO: A INDUÇÃO, MÉTODO QUE PARTE DE UMA ANÁLISE DO PARTICULAR ATÉ O QUE É UNIVERSAL SETORIZADO, OU VERDADE DAS COISAS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O Homem desde o primórdio dos tempos se vê enredado pelo ato de conhecer. Conhecer a sua origem, o seu modo de vida, as suas relações. O ato de buscar este conhecer o leva a caminhos que perpassam por esta realidade a partir das relações com o mítico ou religioso, donde se originou a primeira forma de conhecimento. São as relações com as divindades relatadas por contos e parábolas que mostram o resultado da criação, tanto do homem, quanto daquilo que o rodeia, ou seja, a natureza e todos os seus componentes. Quando falamos em conhecimento, é necessário recuarmos no tempo para compreendermos como que ele foi concebido historicamente, isto é, em cada contexto histórico e como prevaleceu uma determinada concepção filosófica sobre ele.

O processo de conhecimento mítico não sustentou por muito tempo o homem, pois este mantém acesa as chamas pelo saber, reza a sua volta querendo delas respostas que os deuses já não sustentavam, como: quem é o homem? Como ele conhece? Como foi criado? E foi a partir em primeiro lugar do desacreditar do homem nas divindades e em segundo, através dessas perguntas que abrangeram toda realidade a sua volta, “que a filosofia nasceu como forma de questionamento do real em busca de respostas para o Ser, sua Existência e o que ela traz de benefício ao intelecto humano” (REALE, 1990).

O Conhecimento é parte fundamental do Ser Homem e ele precisa ser bem-conceituado dentro da existência e delimitado no campo experimental, é traduzindo a realidade em observações e experimentos que se consegue subir nos degraus do conhecimento e o autor que bem traduz este meio é Francis Bacon (1561-1626), autor do século XVI e XVII, nascido em Londres, onde viveu boa parte de sua vida, e onde morreu no ano de 1626. Foi filósofo, político inglês e um dos fundadores do método indutivo de investigação científica, o qual estava baseado no Empirismo. Seus estudos contribuíram para a história da ciência moderna fechando assim o período medieval (REALE, 1990).

Publicou, em 1621, sua mais célebre obra ***Novum Organum***, que ao seu ver deveria substituir o *Organum* Aristotélico, por reafirmar a natureza como ferramenta de conhecimento. Bacon é um autor realista e renova a descoberta do homem pelo conhecer, atribuído àquilo que já está dado e que é uma fonte inesgotável de saber. A grande questão é a forma como o conhecimento estava sendo proposto, ele estava

num plano puramente racional e transcendente, enquanto aquilo que era imanente, perceptível era cada vez mais deixado de lado.

A matéria, o sensível em si, era abordado como errôneo, falso, assim como dizia Platão e, por outro, era visto em segunda instância como fruto da racionalidade, assim como descrevia Aristóteles. Este, indignado com este maquinário filosófico antigo que mais servia para diálogos em contendas do que capacitar o homem, reintroduz a filosofia à sua característica primeira, pressuposta pelos antigos pré-socráticos, que já em sua época deram o valor necessário ao natural e o questionaram em relação a sua formação.

O método principal de sua teoria, o qual ele se apoiou foi o indutivo, pois este ajuda a clarear a certeza dos fatos obtidos a partir do experimento contínuo e gradativo dos fenômenos. O apoio que ele busca na experiência é o pilar central de toda sua influência na filosofia, sendo ele preciso e bem-organizado, oferecendo ao observador/ investigador a conclusão verídica e concreta do que se está pesquisando e não uma noção falsa como nos apresenta a imaginação. Este é um pensamento intrigante e que pode ainda, hoje, trazer grandes revoluções se revisitado, colocado em análise e constatado.

Posto isso, o principal objetivo desta pesquisa é o de refletir sobre a relação do método empírico com o processo de conhecimento humano na obra do inglês Francis Bacon, bem como a fundamentação deste no poder que o homem constitui através da realidade. Como hipótese de trabalho, admite-se o método indutivo como certeza nos experimentos aplicados nos fenômenos. A partir dele, a verdade das coisas tanto buscada se torna realidade clara frente ao pesquisador.

A fim de efetuar uma pesquisa bibliográfica qualitativa com produção de texto autoral de cunho etnográfico, partir-se-á do seguinte problema: **Qual a medida, segundo Bacon, para que o método articulado pudesse ser realmente o fundamento do conhecimento do homem em relação aos campos filosóficos/científicos?**

Tendo como principal referencial teórico a obra **NOVUM ORGANUM** (Bacon, 1979), percebe-se que o autor apresenta um desvelar crítico da filosofia antiga em comparação a que ele inaugura. Ele provoca uma Reviravolta no modo de se constituir a verdade que muito foi abafada por fábulas ideológicas, em vez de uma observação minuciosa da realidade que tem muito a oferecer.

Obras que embasam em segundo plano esta pesquisa, **FILOSOFIA DA CIÊNCIA** (Oliva, 1990), **FRANCIS BACON: para uma educação científica** (Batista, 2010), **O PROGRESSO DO CONHECIMENTO**, (Bacon, 2006) obras que foram escritas por Bacon. Outras obras como a **HISTÓRIA DA FILOSOFIA** (Reale e Antiseri, 1990), para fundamentar o campo histórico desta pesquisa sobre o autor, aqui, citado. Foi utilizado o **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA** (Abbagnano, 2007), para definição de alguns conceitos, aqui, introduzidos.

O objetivo da primeira seção foi o de conceituar a realidade no ponto de vista da renascença e suas novas aspirações de saber, como primeiro motor do conhecimento humano, onde será abordado em primeira análise o seu surgimento e os seus efeitos na concepção de verdade. Foi tratado também da concepção de criador, a divisão do tema homem e a ferramenta de pesquisa, a natureza, a luz do texto, A Proficiência e o Avanço da Aprendizagem Divina e Humana ou Progresso do Conhecimento, destacando três conceitos Deus, Homem enquanto **divino**¹ e mortal e o instrumento de trabalho ou natureza como fonte de poder onde ele separa cada um em sua ordem natural.

A segunda seção apresentou a tradução do conceito conhecimento a partir de uma concepção do passado, perpassando pelos seus atributos míticos e religiosos até o pensamento escolástico e o que ele indica como vã filosofia. Estes pensamentos foram tratados em subtemas para uma melhor compreensão. Foi analisada uma forte tradução do termo vã filosofia que o autor toma emprestado da carta de São Paulo aos Colossenses (2,8). Abordou-se a crítica feita por Bacon em cima deste método antigo de conhecimento que tornou o homem um alienado e, qual modo de se libertar dessas amarras idealísticas, expondo o conceito dos ídolos (BACON, 1979).

A terceira seção gira em torno de apresentar o tema em questão. Os desafios do conhecimento e a novidade trazida por Bacon que é o seu empirismo, mas não um empirismo forçado como os outros, esta nova forma de empirismo é o fundamento para um Saber Instrumentalizado do homem, sendo ele um **Empirismo**² que a partir de uma elevação das experiências se chega a uma racionalidade instrumental, como

¹ Termo referente a criação em seu primeiro estágio. “Deus disse: Façamos^d o homem^e à nossa imagem, como nossa semelhança” (GÊNESIS 1, 26)

² Empirismo (in. *Empiricism*; fr. *Empirisme*, ai. *Empirismus*; it. *Empirismo*). Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade. (ABBAGNANO, 2007, p. 377, grifo do autor)

base de construção do real significado do saber humano, tornando-se ele a chave para abrir a porta do saber no homem, fazendo-o reconhecer que andava nas trevas da ilusão, mas encontrou o caminho de volta através da desconstrução da forma antiga de saber, e da reconstrução deste, por meios calcáveis e observáveis. O empirismo buscado pelo autor e transcrito nesta pesquisa dará margens para um empirismo racional, ou seja, a partir da análise da experiência, o homem consegue alcançar uma racionalidade concreta.

Portanto, o caminho a ser traçado é longo e necessita de uma purificação da dualidade do homem velho, na síntese do homem do saber moderno, aquilo que na seção a seguir será tratado, isolando os dois conceitos de homem, analisando-os e forjando aquilo que vai ser a principal e verdadeira apresentação do homem conhecedor.

2 DA CONCEPÇÃO MODERNA DE CRIAÇÃO AO CONHECIMENTO: O RENASCIMENTO E O ANTROPOCENTRISMO

Na primeira seção, trataremos de introduzir o contexto social em que vivia Francis Bacon e como esta guinada de tempo influenciou totalmente o seu trabalho, dando-lhe as margens para buscar uma remodelação da arte de conhecer. Na Idade Antiga e Média, o homem vivia ordenado e coordenado por uma visão teocêntrica por mais que houvesse uma busca de interpretação da vida pela filosofia na Grécia, esta sempre andou na mesma esteira da vida divina de um ou de vários deuses. Um único Deus é apresentado pelo **Cristianismo**³ que até o fim da Idade Média era o que movia e regravava todas as coisas, tanto no âmbito religioso, quanto no âmbito do estado.

Essa característica religiosa é assumida de certa forma pelo autor, não na dimensão do **Catolicismo**⁴ que era o mais sublime na época anterior, porém na esteira do **Protestantismo**⁵ que na sua época de juventude era o modelo em ascensão (REALE, 1990).

Na perspectiva de Reale (1990) tem-se o entendimento de Renascença como a introdutora da Idade Moderna e do pensamento moderno, assim se traduz o termo:

Segundo Burckhardt, a Renascença seria, portanto, uma época que viu surgir nova cultura, oposta a medieval. E a revivescência do mundo antigo teria desempenhado nisso um papel importante, mas nisso exclusivamente determinante. Portanto, partindo da renascença da antiguidade, passou-se a chamar de "Renascença" toda essa época, que, porém, é algo mais complexo: com efeito, é a síntese do novo espírito que se criou na Itália com a própria antiguidade - é o espírito que, rompendo definitivamente com o espírito da época medieval, inaugurou a época moderna. (REALE; ANTISERI, 1990, p.25)

Uma das principais características do Renascimento é o Humanismo, interpretado comumente como sinônimo de antropocentrismo ou valorização do ser humano. O verdadeiro sentido do humanismo renascentista, porém, era o estudo

³ O Cristianismo é a religião de Jesus Cristo: conjunto das religiões que praticam a doutrina de Jesus Cristo. Ele decorre diretamente do Judaísmo, pela transformação e modificação do antigo pacto com Deus, feito com os patriarcas e, depois, ratificado por moisés. (DICIONÁRIO BÍBLICO, 101)

⁴ O Catolicismo são os conjuntos de dogmas, instituições e práticas da igreja católica romana: a história do catolicismo não se confunde inteiramente com a própria história da igreja. (DICIONÁRIO DE TERMOS DA FÉ, 151)

⁵ O Protestantismo – O Termo vem do <<protesto>>de alguns Estados do Sacro Império na dieta de Espira (1529), não a favor da liberdade de consciência, mas contra o facto das questões religiosas aí terem sido decididas por maioria de votos. É o conjunto das confissões cristãs que se ligam a Reforma continental do séc. XVI (Lutero, Calvino, Zwínglio, etc.). (DICIONÁRIO DE TERMOS DA FÉ, 626)

das Humanidades, isto é, da língua e literatura antigas. Durante o Renascimento, a Matemática e a Música também eram bastante estudadas.

O Renascimento representa um distanciamento do Cristianismo e da lógica e uma aproximação ao **Humanismo**⁶. Os Humanistas do Renascimento redescobriram as obras clássicas latinas e gregas. Este movimento é o renascer de um novo período que dá capacidades aos seres humanos de serem donos dos seus próprios caminhos e de suas próprias alçadas de conhecimento. A filosofia humanista enfatizava a dignidade da humanidade: o intelectualismo passou a ser dedicado ao estudo do ser humano, e não mais à Teologia e Lógica. Os humanistas davam importância aos assuntos temporais e pessoais em vez de enxergarem o mundo como um portal para a pós vida cristã. Pode-se perceber que o Renascimento é um período importante de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, as quais influenciaram a mentalidade da época (REALE, 1990).

O individualismo foi uma das principais características do humanismo renascentista, uma vez que trouxe à tona questões relacionadas com a individualidade do ser humano, bem como de suas emoções. Dessa forma, o ser humano é colocado no centro do mundo e a partir daí, é destacada sua importância como agente de mudanças, dotado, portanto, de inteligência.

Esta época de Revolução tida como Renascimento, de acordo com Abbagnano, tem por significado:

RENASCIMENTO (in. *Renaissance*; fr. *Renaissance*; al. *Renaissance*; it. *Rinascimento*). Designa-se com este termo o movimento literário, artístico e filosófico que começa no fim do séc. XIV e vai até o fim do séc. XVI. difundindo-se da Itália para os outros países da Europa. A palavra e o conceito de R. têm origem religiosa, como ficou demonstrado pelos estudos de Hildebrand, Walser e Burdach: renascimento é o segundo nascimento, o nascimento do homem novo ou espiritual de que falam o Evangelho de São João e as *Epístolas* de São Paulo. (ABBAGNANO, 2007, p. 1006, grifo do autor)

A Filosofia do Renascimento teve seu início com o declínio da Escolástica que foi uma grande corrente filosófica surgida a partir da Patrística, nos meados do século XIV. A principal característica desse período foi o resgate das ideias Clássicas.

⁶ Humanismo: (in. *Humanis*; fr. *Humanisme*; al. *Humanismus*; it. *Umanesimo*). Esse termo é usado para indicar duas coisas diferentes: I) o movimento literário e filosófico que nasceu na Itália na segunda metade do século XIV, difundindo-se para os demais países da Europa e constituindo a origem da cultura moderna; II) qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem. (ABBAGNANO, 2007, p. 602, grifo do autor)

Durante esse período histórico ocorreram muitas transformações no mundo, desde a transição do feudalismo para o mercantilismo até a passagem da Teologia para o Humanismo. Com o declínio da Escolástica houve um enfraquecimento do pensamento dogmático, bem como da influência da Igreja sobre a sociedade.

Em contrapartida, o aparecimento da burguesia, a invenção da imprensa e uma série de outras revoluções científicas fez com que o Renascimento promovesse a valorização da Razão, assim como, da genialidade do indivíduo. Durante esse período grandes nomes surgiram e desafiaram a Igreja e todo o pensamento por ela defendido. Desse modo, deu-se início a valorização do ser humano frente a Deus.

O século 17 foi um dos períodos mais fecundos para a história da filosofia. Marcado pelo absolutismo monárquico que era a concentração de todos os poderes nas mãos do rei, e pela contrarreforma que detinha em si uma reafirmação da doutrina católica em oposição ao crescimento do protestantismo, essa época acolheu as grandes criações do espírito científico, como as teorias de Galileu Galilei e o experimentalismo de Francis Bacon.

Uma das grandes transformações da modernidade foi dar ao homem não apenas o papel principal, mas também o lugar de narrador, acarretando consequências profundas na cultura. Durante muito tempo, Deus ainda ocupará um espaço relevante na filosofia, aparecendo de forma importante em vários momentos da história moderna desta doutrina. No entanto, embora seja eventualmente um personagem ainda importante na visão de mundo dos modernos, não é mais um tema central como foi na filosofia medieval.

Nesta nova estrutura de pensamento, elencar-se-á como duas grandes correntes epistemológicas da modernidade: o racionalismo e o empirismo, sendo esta segunda, campo de análise desta pesquisa, além de destacar, como figura principal da teoria política moderna, o contratualismo, que influenciou fortemente o pensamento iluminista e teorias políticas posteriores, como o socialismo e o liberalismo.

Em Resumo este tempo se destaca como anúncio de um remodelamento, tanto da criação em destaque e de seu criador, como também da criatura ou homem propriamente dito, em busca do verdadeiro ato de conhecer, tais definições da realidade serão explanadas com mais profundidade nos próximos tópicos.

2.1 CONCEPÇÃO MODERNA DE DEUS: O GRANDE ARQUITETO

Nesta esteira teocêntrica, dou início ao primeiro tópico desta seção que nos revelará em certo sentido que toda filosofia/cientificista de Bacon é regrada de certa forma por uma noção religiosa, por ser ele um exímio cristão e por ter uma mãe devota que o criou nesta redoma religiosa. Sua base é de uma nova filosofia/cientifista e precisa ir na contramão do que estava acontecendo desde o passado. Ela precisava de uma nova organização, destruindo todo alicerce podre que tinha e reconstruindo com um alicerce totalmente novo. Para isso, precisamos fazer um retorno ao início de tudo, e isto por assim dizer nos leva aos moldes da criação. Deus no seu trono criando todas as coisas e o ser que o ia suceder na regência de tudo o que foi criado. Aqui, tomaremos como base alguns relatos bíblicos retirados do livro do Gênesis que nos farão entender esta fixação dele pelo mundo criado e pronto para ser explorado, tornando-se assim fonte de saber.

“Deus fez todas as coisas belas, ou apropriadas, cada uma para sua estação: também colocou o mundo no coração do homem, mas o homem não pode descobrir as obras que Deus fendo princípio ao fim...” (BACON, 2006, p. 21, grifo do autor). Bacon se baseia no fundamento bíblico, pois de certa forma, ele por sua criação estava ligado ao formato religioso que em sua época passou por grande reforma.

O Deus baconiano é o que cria, “Deus disse: haja luz” (Gn 1, 3), organiza, “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas, e assim se fez” (Gn 1, 6) e depois despacha o que foi criado na mão do ser humano. “Deus disse façamos^d o homem^e à nossa imagem [...] sede fecundos [...] submetei-a [...] e dominai” (Gn 1, 26-28), que ele dotou com razão e conhecimento para deste paraíso desfrutar. Deus para ele é um grande construtor, mas sua construção não é para si, e sim, para a criatura que mais se assemelha a ele, mesmo que esta não descubra totalmente o que há na criação, porém é concebida para agir em função desta busca. Ele é o modelador desta realidade, ele é o progenitor do homem, o qual é colocado regente e herdeiro desta construção. É a partir do homem que o conhecimento se dá, todavia do homem primeiro que não se esgueirava pelas paixões exacerbadas, ou por um egocentrismo desmedido no acúmulo do conhecimento para si.

Esta visão de Deus mostra e forja o que se entende por período Renascentista, quando a medida ou centro de todas as coisas não mais é Deus, mas o homem. Deus não perde o título de Arquiteto ou criador da realidade, Ele só fica à distância, e deixa

com que a coordenação das coisas seja feita pelo homem. Sai-se de um teocentrismo, que na concepção da Idade Média era destacado como toda a realidade e o trabalho humano tinha como fundamento a concepção de Deus Uno e Trino e chega-se a um antropocentrismo, em que a base da realidade é o homem e há uma dessacralização das coisas que antes eram divinas.

Na análise do Renascimento, lemos que:

Num sentido amplo, a Renascença pode ser definida como aquele período de reorientação cultural em que os homens trocaram a compreensão corporativa, religiosa e medieval da vida por uma visão individualista, secular e moderna (CAINRS, 1988, p. 211).

E ainda destaca mais:

A atenção se focalizou nas ruas de Roma e de Atenas em vez de olhar para as ruas de Nova Jerusalém. A concepção teocêntrica medieval do mundo, em que Deus era a medida de todas as coisas, foi substituída por uma interpretação antropocêntrica da vida, em que o homem se tornou à medida de todas as coisas. Deu-se mais importância à glória do homem do que à glória de Deus (CAINRS, 1988, p. 212).

As inovações da época concorreram para esta nova dinâmica visionária em que as coisas forjadas pelo homem ganham destaque e revolucionam em cima daquilo que eram as coisas divinizadas e sacralizadas da época. A beleza da criação nas mãos de Deus é una, divinizada, intocável e, quando tomada pelos homens, torna-se dessacralizada, emanadora de possibilidades e menos dura quanto à concepção antiga.

Portanto, Deus é importante até certo ponto. O ponto em que este passa à coordenação da natureza para a humanidade, para desta tomar conta e criar o seu modo de vida. Esta relação imediata que ele descreve em seu livro o Progresso do Conhecimento mostra o seu caráter religioso, mesmo que ele não defenda a concepção antiga de religião, sendo criado dentro da Reforma Protestante de 1516, com caráter mais dinâmico e voltado para uma remodelação das coisas e empoderamento que delas é emanado. Neste viés religioso, ainda se destacam as duas concepções de homens: os Sábios ou Doutos e os condenados ou escravos que na próxima seção serão devidamente externados. É a partir da diferenciação entre os dois e a evolução de um novo homem, aquele que cria o seu próprio status de vida,

aquele que rege seu saber sem desmerecer o outro, que está na mesma esteira do conhecer, que se fará a completa noção de conhecimento.

2.2 HOMEM: DUAS CONCEPÇÕES CRIVADAS PELO ERRO DO PASSADO, RECRIAÇÃO DE UM NOVO HOMEM COM INTEIRA AUTONOMIA

Aqui, será tratada a divisão feita pelo passado filosófico entre o homem sábio e o homem escravo, quando estes dois viviam no pequeno cerco entendido como dominação e dominados o que os elevava a uma experiência propriamente dita do real. Em contra partida a estas duas noções, daremos início a evolução destas duas concepções e a uma terceira, que será a transparência das duas primeiras numa verdadeira autonomia do saber na afirmação do eu e do outro que trabalham juntos nas etapas da análise e experimentação do real.

Para Bacon (2006) o homem é sortudo e irresponsável ao mesmo tempo, pois pela criação, ele recebeu a realeza neste mundo, mas o seu egoísmo fez com que ele a perdesse. Dizendo isso, ele estava se relacionando ao fato da desobediência: “Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” (Gn. 3, 11). A partir desse ponto, ele que já tinha o fardo da brevidade da vida pelas escolhas negativas, torna-se um imprudente e um desregrado, e a herança que um dia lhe fora dada na perfeição, torna-se árdua e ferrenha para alguns que não têm tempo e nem maturidade para conhecerem a vida, devido a ganância que possuem, que com boa lábia e riqueza são vistos como aqueles que contém vasta sabedoria e ou **Doutos**. Em suas palavras “impedimentos tais como a brevidade da vida, a má conjunção de esforços, a transmissão defeituosa do conhecimento de mão em mão e, muitas outras inconveniências a que a condição do homem está sujeita” gera o mal controle e a não condução do conhecimento por caminhos que favoreçam o bem-estar.

O homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quanto constata, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais. (BACON, NO Livro I, 1979, I, p.7)

É voltando o olhar para a realização do bem-estar humano, que o conhecimento será adquirido, tanto nas ciências, quanto na filosofia, dominando novamente aquilo que foi dado como prêmio uma vez e, depois, tornou-se um fardo: a natureza que em sua concepção não tem outra característica a não ser dar poder ao seu dominador.

Esse fundamento teológico e metafísico é importante para se compreender o alcance do projeto baconiano. Segundo Bacon, Deus criou os homens sem imperfeições e, assim, a doença, o envelhecimento e, no limite, a morte foram adquiridos depois que Adão comeu o fruto proibido. A brevidade da vida, descrita acima, só fere a humanidade por causa da desobediência, pois perfeitos foram criados e tinham uma vida longa em seu início. De fato, entende-se aqui, que a maior ferramenta teológica de sua época ainda era a bíblia, e ela era fator de conexão entre a história unificada da natureza e o homem. Tal narrativa mostra que se não tivesse havido a desobediência, ou seja, se o homem não tivesse comido o fruto proibido, ele continuaria sendo divino, porque foi na divindade que foi criado. Foi por ter comido o fruto do conhecimento que desencadeou toda esta vida de ignorância e miséria, e Deus o retirou do paraíso. “Porque... comeste da árvore que eu te proibira comer maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida” (Gn, 3,17). Por esta falta, o divino que sobrepunha a vida, cai por terra e o que lhe resta são dores, labor, doenças tanto corpóreas quanto espirituais e finitude.

“E embora ele insinue que a lei ou suma suprema da natureza, que ele denomina *a obra que Deus faz do princípio ao fim*, é impossível de ser descoberta pelo homem” (BACON, 2006, p. 21, grifo do autor), por causa da brevidade da vida adquirida pela queda, destaca que mesmo finito dá para conceber um conhecimento concreto e que favoreça a uma longevidade criada por experimentos. Como um bom empirista que é, em nenhum momento diz que o homem é incapaz de fazer tal coisa, mas de acordo com as impossibilitações, brevidade da vida, más inclinações e uma mente poluída de ídolos que rodeiam a vida da criatura, dá para se chegar a esta resposta, que não é uma verdade absoluta, mas fruto de constatações e estas podem ser remodeladas a partir de novos experimentos, como os que de fato já existem, os que o rodeiam, dá para se chegar a esta conturbada resposta. Contudo, ele pode mudar este destino que parece certo em menosprezar as suas habilidades em conhecer, escavando a realidade com destreza e perspicácia, sentindo através delas as mudanças que podem sobrevir sobre seu ser e sobre suas realizações. Destaca-se aqui dois tipos de momentos vividos pelo homem, o primeiro a brevidade da vida e o segundo, as más inclinações e nenhuma delas constitui o tipo de homem que Bacon fala que tem que existir para tomar conta e criar a boa vida neste mundo.

Pode-se entender através de suas teorias que há uma divisão do homem após a saída do paraíso: Homem douto, aquele que se diz sábio e o Homem encabrestado,

que não procura conhecer e é concretamente encarcerado pelos doutos. São eles voltados as más inclinações e se enchem de orgulho por causa disso. Os Doutos são os filósofos do passado que escreviam muitas coisas e viviam em disputas de argumentação, os que ensinavam de certa forma a uma outra minoria aquilo que eles sabiam de melhor falar. Enquanto os outros eram os escravos, que não tinham consciência por si só e pagavam para escutar as filosofias e teorias maliciosas dos ditos sábios.

Assim, depois de analisar estes dois tipos, ele destaca que nenhum e nem outro é aquele que ele procura e assim, então, cria uma nova concepção de homem como caridoso “A caridade é paciente^b a caridade é prestativa...” (1 Co, 13, 4), como aquele que por meio do agir experimental desvela a realidade e dela extrai o verdadeiro conhecimento que perpassa os axiomas particulares até chegar aos gerais, sendo estes não verdades absolutas, contudo cabíveis de reformulação de acordo com novas incisões experimentais. É este o tipo de homem que se destaca e saboreia o poder da boa vida sem maltratar ou resignar o outro, trabalhando para haver sempre em si conhecimento. O Homem que Bacon destaca e assim se vê, é aquele que busca junto da virtude a Caridade, aqui, numa interpretação totalmente bíblica, como proporcionar a boa vida para si e para os outros e como podem juntos trabalhar para que o conhecimento venha a ser geral e proporcionador de uma casa comum. Daí, pode-se afirmar que homem não é mais o animal racional proferido no passado, porém o “Ministro e intérprete da natureza” como dizia Paulo Rossi, através da qual ele pode desvendar tudo o que necessita. O Homem de quem Bacon fala é o novo Homem que São Paulo sempre descreveu em suas cartas direcionadas às igrejas que se firmavam na fé, na época em que ele se tornou um homem caridoso e prestativo, que não negava o direito e a justiça de conhecer e viver bem aos outros e que fez da sua boa vida a vida boa do outro.

2.3 NATUREZA DAS COISAS: FONTE E FERRAMENTA DE PESQUISA

Para abrir este tópico, precisamos ter em mente ainda o processo da criação e só assim daremos os primeiros passos para compreendermos porque que ela é necessária para o novo homem implementado anteriormente por Bacon, como aquele que deve ser o interpretador, e mais que isso, o criador de conhecimento no ambiente que lhe foi dado e o transformador deste em um espaço que favoreça uma

longevidade com soluções práticas de curas de doenças antes tidas como incuráveis, como criador de meios que favoreçam e ajudem a apreender o que a natureza pode fornecer como fonte de aprendizado.

A Criação, aquilo que Deus fez e colocou dentro do coração do homem, para ele tomar conta e criar sua sobrevivência e a de seus companheiros, é esta a principal ferramenta que Bacon se dispõe a usar e instiga a todos os homens a também se proverem dela. Podemos entender que a natureza descrita por ele é em suma a ferramenta perfeita de onde todo o conhecimento pode fruir se o homem se desvencilhar do seu eu velho iludido por vãs filosofias, manipulado por ídolos e adentrar em um novo modo de ser, aquele descrito no início da criação, antes do seu orgulho exacerbado manchá-lo. Este mundo real, natural, tocável é a fonte inesgotável de saber, é aquele que o homem pode e deve tomá-lo para si e buscar incessantemente configurar nele o seu modo de saber. Este mundo é a herança de que o homem precisa e deve tomar posse. Deus o criou especialmente para ele, e é por isso que é de sua autoridade escavá-lo até o fundo, em busca daquilo que ele tem para oferecer. Esta realidade é a base de toda experimentação, de onde frui toda a percepção, indagação e progresso do entendimento humano, é na sua abrangência de conteúdo que o homem pode e deve se especializar.

Bacon estabeleceu uma distinção entre a palavra de Deus e a obra de Deus. Na sua visão, esta última, nada menos é que a natureza, está e sempre vai estar ao alcance da razão humana. Acreditava, portanto, que Deus criou os homens sem imperfeições e que a doença, o envelhecimento e a morte foram adquiridos após o pecado original. Com isso a máxima que podemos arguir é que a falta de determinada ciência afasta o homem de Deus, e o acúmulo de muita ciência a Deus conduz (BACON, 2006). A Ciência eleva a capacidade do homem encontrar Deus, nas pequenas instâncias da natureza e de suas transformações seja naturais ou aplicadas e é isto que dá ao homem a administração de seu intelecto.

As Escrituras sagradas, são consideradas como o livro do trabalho de Deus, assim, o estudo é também um dever religioso, um ato de culto. As escrituras revelam a vontade de Deus, o livro da natureza; já o estudo da natureza, embora tendo como finalidade a salvação da humanidade, nada diz sobre a essência de Deus ou de sua vontade. Na investigação da natureza enquanto dever religioso, os homens refletem e estendem o trabalho divino, honrando o criador.

Sendo entendida, desde a Antiguidade Grega como ideal, que caberia à arte tomá-la como ideal a ser perseguido, através de seus preceitos e indicações. Na chamada modernidade, a filosofia da natureza torna-se menos espiritualista e o mecanismo se impõe como modelo para a interpretação da natureza, reduzindo tudo para a matéria e movimento. Ela é descrita como Luz, Temperatura, são os fenômenos que podem ser sacudidos, medidos e originados pelas formas que são leis gerais obtidas a partir da experimentação e conclusão sobre as partes.

A concepção de natureza do autor é a de algo exterior ao homem; a natureza é tida como um objeto a ser dominado e manipulado, de acordo com o que nos revela **mecanicismo**⁷, conceito obtido com mais exatidão na modernidade; a sociedade é separada da natureza como sendo o domínio do homem que pode ser empregado para a dominação da natureza.

Para ficar mais claro, o Lorde Verulâmio classifica-a em três estados: os processos naturais (ou gerações), os monstros na natureza (ou preter-geração) e a natureza modificada pelo domínio do homem (ou as artes). Esta última é a natureza confinada, atormentada, modificada por meio de experimentos humanos. A partir dessa noção é assim, então, enfatizado o uso da história natural como parte constitutiva da nova filosofia experimental seiscentista inglesa. Tanto é assim que vários homens importantes de ciência ao aderirem ao “programa baconiano”, irão inserir a história experimental da natureza como a base de seus respectivos métodos.

Ajuda-nos, nesta compreensão, Luciana Zaterka (2009), quando explica minuciosamente a classificação dos três estados:

Bacon ainda classifica a própria natureza em três estados (Bacon, 1857, vol. IV, p. 253): os processos naturais (ou gerações), os monstros ou maravilhas da natureza (ou preter-geração) e a natureza modificada pelo domínio do homem (ou as artes). Portanto, a história natural é aquela que lida com as naturezas das coisas, quer estas coisas estejam ‘livres’, como nas espécies naturais, ‘perturbada’ (disturbed) como no caso dos monstros ou maravilhas, ou ‘confinada’, como nos experimentos. Notamos assim as três divisões da história natural baconiana. A primeira é a história das espécies: “como, por exemplo, [história] das plantas, animais, metais e fósseis”; esta Bacon considera simples curiosidades e assim tal história deve ser controlada. Com relação à segunda, a história das maravilhas, Bacon afirma que é vazia e baseada apenas em rumores, deve então ser purificada. A terceira é a história dos experimentos; esta tradicionalmente ficava fora do âmbito da história natural, era defeituosa, fragmentada e descuidada (Gaukroger, 2001, p. 196).

⁷ Mecanicismo (in. *Mechanism*; fr. *Mécanisme*; al. *Mecanismus*; it. *Meccanicismo*). Toda doutrina que recorra à explicação mecanicista. Entende-se por explicação mecanicista a que utiliza exclusivamente o movimento dos corpos, entendido no sentido restrito de movimento espacial. (ABBAGNANO, 2007, p. 755, grifo do autor)

Ora, vimos acima que objetivando minimizar tais dificuldades o filósofo propõe no âmbito metodológico, antes de mais nada, 'uma boa maneira de indução', que significa a natureza confinada, atormentada, modificada por meio de experimentos humanos controlados. (ZATERKA, 2009, p. 342)

É dentro da natureza e do agir natural que o homem se encontra breve e passageiro, seja pelo trabalho árduo, seja pelo ar monstruoso que esta natureza faz recair sobre ele, como doenças e feridas que o fazem perecer diante do momento que se encontra, mas mesmo assim, o homem é convocado a esquecer este momento que vive, as coisas que vive e que tornam sua existência repentina para ter uma autonomia recreativa de sua existência, experimentando na realidade, como ela é e, como a partir disso, ela pode novamente se tornar uma existência duradoura.

Controlar a natureza o fará compreender e reinterpretar sua vida para que ela responda a sua aspiração de ter uma vida boa, frutuosa e novamente longa como a primeira existência que teve em suas mãos no paraíso, que hora era perfeito e num segundo momento se tornou imperfeito.

A natureza só será maravilhosa e perfeita novamente, quando for implementada pelo homem em suas análises, escavações e modificações. No decorrer da história, ela não foi modificada, ela simplesmente foi idealizada como a monstruosidade do viver, não levando em conta a sua maravilha, sendo ela a devoradora da existência.

Destacamos a partir de análises desta filosofia o seguinte conceito para este agir natural do homem moderno, dono de suas concepções e remodelações do estado das coisas em seu entorno:

Engendrar e introduzir nova natureza ou novas naturezas¹ em um corpo² dado, tal é a obra e o fito do poder humano. E a obra e o fito da ciência humana é descobrir a forma³ de uma natureza dada ou a sua verdadeira diferença ou natureza naturante⁴ ou fonte de emanação (estes são os vocábulos de que dispomos mais adequados para os fatos que apresentamos). A estas empresas primárias subordinam-se duas outras secundárias e de cunho inferior. A primeira é a transformação de corpos concretos de um em outro, nos limites do possível;⁵ a segunda, a descoberta de toda geração e movimento do *processo latente*,⁶ contínuo, a partir do agente manifesto até a forma implícita⁷ e descobrir, também, o *esquematismo latente*⁸ dos corpos quiescentes e não em movimento. (BACON, NO Livro II, 1979, I, p.93, grifo do autor.)

A partir deste ponto, podemos destacar que além da natureza em questão ser dada por Deus para a construção e evolução do conhecimento, nela encontramos a variação e dinamicidade da transformação que pode sofrer quando Ihe é implicada um

conjunto de operações internas, fazendo com que uma substância passe de um estado a outro. E por fim a organização destas substâncias em pequenas partículas aproximando-se da questão dos átomos de Demócrito.

Esta natureza se torna em segunda instância uma “natureza naturante” (BACON, NO, Livro II, 1979, I, p.93), que se contrapõe a tese de Averróis e depois da Escolástica (São Tomás de Aquino, principal pensador) de uma natureza naturada (*natura naturata*, do latim), ou seja, que fala da lei natural, organizada por regras intrínsecas, universais e imutáveis que estão presentes na natureza humana, independentemente de qualquer artifício criado após o homem. Esta contraposição se dá pelo fato de que a tematização feita por Bacon demonstra que há o agente produtor e o produto e mostra que este segundo é dotado de evoluções contínuas a partir do processo de latência aplicada a ele.

Bacon torna-se conhecido e muitas vezes simplificado e interpretado erroneamente como defensor do simples domínio da natureza por dominar. Mas para ele, dominar está em outra dimensão, como um dever do homem novo que é traduzido por São Paulo, regido por uma caridade que leve a examinar, enumerar dados e transformar o que ali está, não desmerecendo aquele que da mesma forma tenta fazer as mesmas coisas e nunca mais se assemelhar com os homens velhos do passado, sendo esta uma tarefa atribuída por Deus ao homem devido à queda deste em detrimento do pecado original.

Na próxima seção veremos um pouco mais a fundo como precisa haver esta transformação do homem velho no homem novo, minuciosamente desmistificando a mente deste homem da escravização dos que sofreram no tear de sua existência. Será apresentada uma construção histórica de filosofias e teorias míticas que levou a haver esta dualidade de homens e que se escravizavam por estas práticas ao longo da história e ramificar destas ideias na forma de ídolos que se atrelam à mente humana que os fazem viver nos erros de uma realidade fictícia.

3 CONHECIMENTO AO LONGO DA HISTÓRIA A PARTIR DE UMA VISÃO BACONIANA

O Conhecimento é uma ferramenta necessária ao aparecimento do ser, pois é a partir dele que todas as coisas passam a ter forma e característica, ele se acumula no seio da natureza de onde tudo surgiu, surge e transforma. A natureza que nos envolve é a principal fonte dele e ela nos permite encontrá-lo. Tudo que foi criado é um poço de conhecimento, basta ter a determinação necessária para encontrá-lo. Pode-se destacar três tipos de conhecimentos: o Mítico, o Empírico (Indução) e o Ideal Racional (Dedução), sendo esse segundo o que será mais aprofundado no presente texto, pois ele será retomado pelo filósofo Bacon no período da Renascença com um novo rosto e fará uma real desmistificação do terceiro modo de saber, sendo ele errôneo e falso na percepção do autor. O primeiro se dá nos mitos, que são narrativas utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles.

Nos tópicos seguintes, abordar-se-á estes tipos de realidades projetoras de conhecimento, mas que em finalidade tendem a sufocar o homem sem que este haja de forma dominadora de sua vida e do que ele pode fazer com esta dominação. São elas o mítico, a filosofia grega e Escolástica e o resultado da união destas dentro da teoria dos ídolos.

3.1 PENSAMENTO MÍTICO E O PENSAMENTO FILOSÓFICO GREGO E ESCOLÁSTICO

Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. O conhecer destacado pelos mitos é transmitido através de algo superior para o inferior, ou seja, este tipo de conhecimento não produz evolução, pois se mostra através de contos que são repassados e não questionados, não há evidência, e sim, imposição. Neste tipo de conhecimento, o homem se torna uma cópia dos ditos “deuses”, fazendo aqui uma retorno à Grécia clássica, onde se encontrava os Titãs como progenitores do mundo e seus governantes tiranos e Zeus como o defensor e patriarca dos deuses e também dos homens, e do mesmo modo, de uma subespécie de deuses chamados de semideuses ou os lendários heróis existentes, que surgiam do encontro dos deuses com os homens, que os tinham como governantes na

formação e gestão das cidades e cunharam seu modo de vida e político. Não havia uma busca pelo saber, tudo era dado, o homem só precisava viver desse jeito.

O conhecimento não precisava existir no homem, simplesmente ele podia copiá-lo e deixar a vida seguir seu curso. Conhecimento neste modo de pensar era a proteção que eles recebiam das tais divindades, por isso não questionavam, por isso não queriam fundamentar nada, tudo já estava pronto, não precisava se fazer nada. A função do homem era pura e simplesmente a de adorar e o resto “Caía do céu”. Mas há momentos em que o homem desperta e isso acontece quando este povo começa a interagir com outros povos e percebe que aquilo que eles tinham como verdade não era absoluta, e que os outros tinham e percebiam um outro jeito de vida e de conhecimento, tinham outras divindades, outros tipos de modo cultural, fazendo assim, os gregos começaram a repensar o modo de conhecer, criando, deste modo a primeira busca pela verdade no mundo, ou seja, o cosmos, e assim, originou o primeiro pensar filosófico que permeou todo o mundo grego e depois se expandiu por todo o ocidente, abrindo deste modo, o segundo modo de saber. Os primeiros cosmólogos surgiram e desenvolveram suas teorias no período VII ao V a.C.

A cosmologia foi utilizada pelos pré-socráticos para descobrir a possível origem do Cosmos por meio de observações e especulações, pois já estavam cansados de contos e narrativas antigas, onde deuses e homens se enfrentavam e o conhecível era dado, queriam algo mais. Por isso eles fomentaram essas teorias, pois já estava insustentável a criação mítica e a organização que esta deu ao mundo e ao homem. Não havia instrumentos tecnológicos, portanto, o que eles poderiam fazer era observar a olho nu o que estava ao alcance, inclusive elementos encontrados no próprio planeta, e então, formular raciocínios com base em suas observações. Tales foi o primeiro cosmólogo da tradição grega. Ao observar o Universo e pensar que aquelas cosmogonias não faziam sentido, o filósofo passou por um processo de observação e especulação que originou a sua teoria: a ideia de que a água dá origem a tudo. Sua especulação pode parecer-nos absurda hoje, mas também pode ser considerada o primeiro pilar da cosmologia grega, porque Tales não buscou um elemento sobrenatural para explicar o Universo, e sim, postulou que a origem estava dentro da própria natureza.

Nessa mesma esteira encontra-se outros filósofos e suas principais teorias ou princípio de todo o cosmo, são eles: Anaximandro (continua as especulações de seu mestre Tales ao redor da água), Anaxímenes (ar), Pitágoras (números), Heráclito

(arché, ou motor progenitor do mundo era o fogo, e defendia uma constante mudança ou devir diretamente ligados no ser das coisas criadas, ser - não-ser – vir a ser) , Parmênides (e o início do pensar racional ideal, em que o Ser é, produto da razão do homem, redondo, eterno e imutável), Demócrito (átomos), Anaxágoras (ar) e outros filósofos propuseram teorias cosmológicas com base na observação do Universo e na especulação racional.

A razão substituiu o mito e deu uma nova realidade ao mundo natural, oriunda do pensar do homem em questão. E há uma gradativa progressão neste novo pensar que se inicia com uma interpretação experimental do mundo e parte para uma fundamentação ideal, que demonstra que o real é o suprassensível desvinculando o conhecimento que estava sendo obtido na interpretação da natureza, para uma interpretação ideal racional, onde o mundo é simplesmente uma cópia imperfeita e o que é perfeito está em um outro mundo, o mundo das ideias, criado por Platão e depois desmistificado por Aristóteles, sendo os dois os mais famosos filósofos da Grécia antiga, os que revolucionaram o ocidente e, até hoje, são os ícones do saber filosófico. Entrando, aqui, então, no terceiro modo de saber, que se mostra mais elevado do que o anterior, sendo ele puramente racional, lógico e ideal. Para Platão havia uma dualidade corpo e alma, sendo que a alma era parte inteligível, formal e real, enquanto o corpo era uma prisão, e essa, impedia que o verdadeiro conhecimento fosse possível no plano sensível, pois este só era adquirido em um plano suprassensível (REALE, 1990).

A diferença está tanto no homem quanto no mundo, porque para ele este mundo é um cárcere que faz com que a suposta realidade aqui vista seja um mero engano para fazer com que os homens se percam em suas paixões desenfreadas. Para ele, este mundo é simplesmente aparente, cópia sem status de verdade ou proliferação desta, mas ainda, ele serve para alguma coisa já que é um cárcere, o homem precisa vivê-lo sem hipocrisia ou desonestidade, mesmo ele sendo aparente, para que haja no final uma elevação da alma para o mundo ideal, ao qual essa já havia contemplado e tinha sede pelo seu retorno a ele.

Ele defendia o Inatismo, o homem nasce com os princípios racionais e ideias inatas. A origem das ideias segundo Platão é dada por dois mundos que são o mundo inteligível, que é o mundo que se passa, antes de nascer, passa-se para ter as ideias assimiladas nas mentes, “A distinção entre dois planos de ser, o sensível e o inteligível, superava definitivamente a antítese entre Heráclito e Parmênides” (REALE;

ANTISERI, 1990, p. 138). De uma maneira geral, a doutrina das ideias, em que os objetos do conhecimento se distinguem das coisas naturais, a superioridade da sabedoria sobre o saber, uma espécie de objetivo político para a filosofia, e a Dialética, enquanto procedimento científico são basicamente os elementos centrais desta filosofia platônica. Passando adiante, chegamos ao pensamento aristotélico que volta o saber para o campo sensível natural, mas estabelecendo uma união entre saber inato e experiência física tudo no mesmo plano. Ao contrário de Platão, Aristóteles defendia que a origem das ideias se dava através da observação de objetos para após a formulação da ideia deles. Para ele, o único mundo é o sensível e que também é o inteligível, “As Ideias ou formas, por seu turno, são a trama inteligível do sensível” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 203). Seu pensamento perpassa três campos: o lógico, o científico e o metafísico. “Aristóteles apresenta a metafísica, em primeiro lugar, como busca das causas primeiras” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 196).

Ele foi um filósofo que reorganizou o pensamento ocidental e reavivou o conhecimento observacional, mas nele acrescentou um toque dedutivo, que de modo geral é uma produção de conhecimento que infere uma resposta particular, natural a partir de uma lei geral cogitada pelo intelecto, sendo assim, um pensamento puramente racional e nada experimental. Esse pensamento mais tarde será seguido na Idade Média, quando terá um grande encontro com o pensamento cristão. Neste período encontram-se duas correntes filosóficas fortes e que tinham diferenças em sua forma de pensar. Destaca-se, assim, a Patrística que focou atrelada a disseminação dos dogmas associados ao Cristianismo, por exemplo, defendendo a religião cristã e refutando o paganismo, e a Escolástica, que através do racionalismo, tentou explicar a existência de Deus, do céu e do inferno, bem como as relações entre o homem, a razão e a fé. A partir da revisão do saber do passado, Bacon cria sua teoria que respectivamente é em seu todo desconstrutiva e reconstrutiva. Elimina as raízes engendradas nas filosofias e ciências errôneas para criar raízes novas, sendo elas crivadas de experiência e observação, formulando axiomas particulares, que darão progressivamente bases para os axiomas gerais nesta respectiva ordem.

As teorias do passado levam-no a formular uma teoria cuja principal função é provocar no homem sua libertação dessas amarras e falsas deduções, teoria esta que será explanada no próximo tópico.

3.2 TEORIA DOS ÍDOLOS

Neste tópico, teremos o principal enfoque no que são os chamados ídolos que em uma conceituação religiosa são aqueles que representam alguma divindade, mas não têm poder para manifestarem-se na natureza, levando os seus crentes a se deteriorarem na fé. O conceito aqui apresentado parte deste viés de enganação e de deterioração, pois eles criam na mente do homem simples inseguranças e erros, fazendo-os não serem donos de si, ou de seu ato de conhecer, sendo assim, bonecos nas mãos de uma segunda espécie de homens que se deleita desta fonte de saber ideal para os escravizar. Compreendemos, assim, que o ser humano se divide em duas espécies: os doutos que se enriquecem com o seu ato de saber e manipular, enquanto a segunda espécie é escravizada por não compreender o que está acontecendo e divinizam seus manipuladores

São de três tipos de fontes dos erros e das falsas filosofias: “a sofística, a empírica e a supersticiosa” (BACON, 1979), nesta ordem, Aristóteles, os alquimistas e a arte supersticiosa ou magia. Essas teorias do passado se tornaram falsas aos olhos de Bacon, porque como ele diz em vários de seus aforismos e aqui citado o LXXIII da grande obra *Novum Organum*, os filósofos antigos com suas teorias deducionais não apresentaram nenhuma forma de tornar a vida mais fácil e boa para todos, em todo o tempo que permaneceu vigente não produziu se quer um bom fruto. Há uma acusação da sua parte em relação a elas, pois se atrelaram a improdutivas disputas inviabilizadoras de pesquisa cooperativa, cuja finalidade não é esgrimir palavras da forma retórica mais sofisticada e sim propiciar o efetivo controle das realidades investigadas. Assim, compreendemos esta negatividade dos ídolos enraizados na mente humana:

De todos os signos nenhum é mais certo ou nobre que o tomado dos frutos. Com efeito, os frutos e os inventos são como garantias e fianças da verdade das filosofias. Ora, de toda essa filosofia dos gregos e todas as ciências particulares dela derivadas, durante o espaço de tantos anos, não há um único experimento de que se possa dizer que tenha contribuído para aliviar e melhorar a condição humana, que seja verdadeiramente aceitável e que se possa atribuir às especulações e às doutrinas da filosofia. (BACON, 1979, LXXIII, p.33)

O Autor desejava com esta teoria reduzir a mente humana a um quadro branco, eliminando todos os preconceitos existentes, tornando-o possível de ser preenchido pelo conhecimento experimental, ou seja, não existe conhecimento inato,

mas aquele que é adquirido a partir das experiências. Termo que será tratado postumamente por John Locke como “tábula rasa”.

Para expulsar os preconceitos é preciso obter o conhecimento dos mesmos, a fim de expurgá-los da mente, deixando-a livre para implementação de um novo método. É a verdadeira indução, o método proposto, pelo qual o homem poderia construir uma nova ciência capaz de interpretar corretamente a natureza e realizar os anseios do espírito moderno. São eles chamados de preconceitos de *Idola* originado do latim e que significa Ídolos.

Nesta perspectiva destacamos o conceito principal de ídolos descrito por Abbagnano:

ÍDOLOS (gr. εἰδῶλα; lat. *Idola, Simulacra*; in. *Idols*; fr. *Idoles*; al. *Idole*; it. *Idoli*). A doutrina dos I. foi exposta na antiguidade por Demócrito; segundo ela, a sensação e o pensamento são produzidos por imagens corpóreas provenientes de fora (J. ESTOBEU, IV, 233). Essa doutrina foi retomada e adotada pelos epicuristas (*Ep. A Herod.*, 46-50; cf. LUCRÉCIO, *De rer. nat.*, IV, 99, etc.). Em sentido diferente, foi retomada por Francis Bacon, para quem os I. não são instrumentos de conhecimento, mas obstáculos ao conhecimento; são "falsas noções" ou "antecipações", ou seja, preconceitos. Para Bacon, são quatro as espécies de ídolos. (ABBAGNANO, 2007, p. 617)

Por isso ele formulou a Teoria dos Ídolos para deixar o homem consciente das falsas noções que congestionam sua mente para que assim pudessem alcançar um bom método de conhecimento. Os ídolos podem ser de quatro gêneros: os **ídolos da tribo**, os **ídolos da caverna**, os **ídolos do foro** e os **ídolos do teatro**. Foi em sua obra “*Novum Organum*” (Novo Instrumento) que ele apresentou os quatro gêneros de ídolos que geram falsas noções, os quais são de suma importância para esta pesquisa, pois são os crivos que revelam as más inclinações a uma sabedoria passageira e sem fundamento. Bacon partir de muito tenta de todas as formas analisar e se coloca a par de toda “[...] a identificação de fontes tipológicas de ilusão cognitiva capazes de impedir o fidedigno exercício das atividades observacionais.” (OLIVA, 1990, p. 21-22) e de criar pontos concretos para extirpá-las da mente humana repleta de ídolos e ilusões.

Essas ilusões torna precária a capacidade analítica do homem, fazendo-o afundar no mar idealístico, oriundo de erros culturais, teóricos, mercantis e teatrais, deixando assim, seu espírito conflitante e aspirante de uma emancipação destes ditames, criando seu próprio evolucionar das coisas pela simples prática da análise e experimentação do real. Na concepção de novo instrumento, ou nova visão de

conhecimento, o homem precisa estar inteiramente envolvido com seus interesses de conhecimento e não regrado por uma fé enganadora, ou homens ditando-lhe o que fazer, mas a partir de uma revisão de vida física e mental se libertar do engano de que não é possível ser dono de sua realidade e intérprete do que está a sua volta. Por isso, o primeiro ponto é retirar de suas mentes toda forma de engano e erro e começar a caminhar rumo ao seu próprio emancipar de vida, através da constatação das suas habilidades (BACON, 1979).

Os Ídolos da Tribo (*Idola Tribus*) são os tipos de pretensões e os desvios de interpretação que incorre na humanidade, “Os *ídolos da tribo* estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana.” (BACON, NO Livro I, 1979, XLI, p.21, grifo do autor). São as concepções que o homem tende a criar de si mesmo ou daquilo que está a sua volta, não se atrelando ao que vê, mas sim, do que imagina ser. São os pré-juízos projetados de tal coisa que não é o que ela realmente apresenta ser. Um exemplo se dá quando um sonho se torna aparentemente realidade, o homem imagina ser uma profecia e logo deduz que todos os sonhos são proféticos e tudo o que vier contra não tem importância. Isso tudo é fruto do intelecto humano, “o intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe” (BACON, NO Livro I, 1979, XLI, p.21), que lhe prega peças,.

Depois, encontram-se os Ídolos da Caverna (*Idola Specus*), fazendo uma referência crítica ao mito da caverna de Platão. Eles se apresentam na individualidade humana, cada homem apresenta uma forma do mundo em que vive, fazendo aqui uma pequena comparação ao mito da caverna de Platão, onde cada um que sofre um tipo de educação socialmente transmitida, seja nas escolas, no trabalho ou em um outro tipo de cultura, tende a criar modos singulares de comportamentos, sentimentos e apreensão do que é real. Nesse mundo aparentemente criado, o homem dá destaques maiores a coisas satisfatórias ao seu próprio status, como o jeito de vestir fora da moda, o jeito de estudar fora do padrão, um horário de alimentação diferente dos outros, e até o jeito de se relacionar:

*Os ídolos da caverna*¹⁰ são os dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um — além das aberrações próprias da natureza humana em geral — tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza: seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões,

segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranqüilo; de tal forma que o espírito humano — tal como se acha disposto em cada um — é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações, e até certo ponto sujeita ao acaso. Por isso, bem proclamou Heráclito¹¹ que os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal. (BACON, NO Livro I, 1979, XLII, p.21-22, grifo do autor)

Já os Ídolos do Foro (Idola Fori) são provenientes das relações entre as pessoas, das significações das palavras, do seu valor semântico, das construções de palavras que não existem correspondência no mundo sensível, obscurecendo e confundindo o entendimento humano diante de objetos que lhe são apresentados aos sentidos. A função da linguagem é a de comunicar, gerar sentido; no entanto, as constantes interseções com indivíduos da sociedade nos fazem apreender conceitos, palavras, nomeações que são utilizadas para algum tipo de sofisma, quase sempre visando velar o conhecimento do objeto observado. Neste sentido, fala-se muito e compreende-se pouco, pois mascaram a realidade com ideais de vidas superficiais, levando os menos entendidos a um enredamento de falsidades e enganos, achando que estão bem, mas na verdade foram corrompidos por essa espécie forte de contradição. Em destaque, estes são os mais incômodos de todos, porque eles se insinuam no intelecto e arrastam os homens para várias controversias e vãs considerações, conforme segue abaixo:

Há também os ídolos provenientes, de certa forma, do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre si, a que chamamos de *ídolos do foro* devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso,¹² e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controversias e fantasias. (BACON, NO Livro I, 1979, XLIII, p.22, grifo do autor)

E por último os Ídolos do Teatro (Idola Theatri), que em suma, são os dogmas criados pelos sistemas filosóficos, que lapidam uma verdade indisputável dentro de si mesmos, sem formular uma descrição verdadeira do real tal qual é. Eles são assim chamados porque Bacon os consideram como fábulas prontas para serem apresentadas em um palco, elas são boas para construir outros mundos e tornam o saber uma mera ficção para o saber humano, assim temos “São os *ídolos do teatro*: por parecer que as filosofias adotadas ou inventadas são outras tantas fábulas,

produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais.” (BACON, NO Livro I, 1979, XLIV p. 22, grifo do autor)

Eles são os tipos de erros que enraízam na mente, reconhecidos por ele como “**espírito**” (BACON, NO Livro I, 1979, XLIV p. 22, grifo nosso), do homem “ídolos que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e, também, pelas regras viciosas da demonstração” (BACON, NO Livro I, 1979, XLIV p. 22), e precisam ser arrancados para que haja uma pureza no espírito humano para o novo e concreto método de apreender a realidade.

Temos que entender que não só estão nas filosofias idealistas, mas também nas áreas culturais. “Não nos referimos apenas às que ora existem ou às filosofias e seitas dos antigos. Inúmeras fábulas do mesmo teor se podem reunir e compor, por que as causas dos erros mais diversos são quase sempre as mesmas.” (BACON, NO Livro I, 1979, XLIV p. 22). São tantas as formas de ídolos que precisamos examinar até o fundo de nossa consciência para ver se ainda não ficou nenhum resquício, pois o verdadeiro conhecimento só será adquirido quando a mente estiver nua desses artificios. “Contudo, falaremos de forma mais ampla e precisa de cada gênero de ídolo, para que o intelecto humano esteja acutelado.” (BACON, NO Livro I, 1979, XLIV p. 22).

Ele é um escritor que mostra que iludido, o homem andou até aquele presente momento. Iludido por uma busca idealizada de verdade e não uma busca constada no apresentar da natureza. Seu método tinha como princípio a observação da natureza no seu particular e da série dele apresentar um conceito geral, ao que podemos chamar de verdade talhada na própria realidade. O filósofo destaca o afastamento da filosofia da verdade, encrustada na realidade (natureza), uma vez que está presa ao método dedutivo e ao silogismo e se afasta da verdade. O método indutivo proposto por Bacon é o único possível para o desenvolvimento saudável da ciência, a qual se encaminhará rumo ao seu progresso, diferentemente das diversas falsidades criadas pela tradição da dedução (ou demonstração), as quais são inúteis e danosas para a ciência e desviam o homem de seu caminho, dizendo mais sobre o homem do que sobre o universo que o cerca.

A crítica de Bacon percorre o mundo grego e o mundo medieval, pois nestes momentos históricos o que se forjou não foi um conhecimento, todavia ilusões acerca de tal. Segundo ele, a Inglaterra encontra-se num momento muito mais oportuno e maduro para propor um novo modo de fazer ciência, em relação aos tempos

passados. Essa crítica se deve ao fato de que os filósofos naturais não baseavam toda sua ciência nos fatores sensíveis, porém, ao contrário, submetiam os poucos fatos que reuniam da experiência à sua teoria, ou à religião ou magia, o que, de acordo com ele, causou a corrupção das ciências. Destarte:

Os que se dedicaram às ciências foram ou empíricos ou dogmáticos. Os empíricos, à maneira das formigas, acumulam e usam as provisões; os racionalistas, à maneira das aranhas, de si mesmos extraem o que lhes serve para a teia.⁷⁵ A abelha representa a posição intermediária: recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere. Não é diferente o labor da verdadeira filosofia, que se não serve unicamente das forças da mente, nem tampouco se limita ao material fornecido pela história natural ou pelas artes mecânicas, conservado intato na memória. Mas ele deve ser modificado e elaborado pelo intelecto. Por isso muito se deve esperar da aliança estreita e sólida (ainda não levada a cabo) entre essas duas faculdades, a experimental e a racional. (BACON, NO Livro I, 1979, XCV, p.63)

Portanto, ela (crítica) se direciona para o fato da desonestidade de tais experimentos que se afirmam empíricos, contudo, na realidade, não estão fundados na empiria, mas na meditação e dedução ou, por vezes, na magia ou superstição, por isso, a partir desta visão filosófica são entendidos como erros, aberrações ou ídolos criados pela mente humana desnuda e desprotegida, que na próxima seção serão sanados pelo concreto método de análise.

4 A FORMA MAIS CONCRETA DE CONHECIMENTO: A INDUÇÃO, MÉTODO QUE PARTE DE UMA ANÁLISE DO PARTICULAR ATÉ O QUE É UNIVERSAL SETORIZADO, OU VERDADE DAS COISAS

Diante do que foi dito acima, infere-se que para se valorar uma determinada obra, pelo que ela é, por sua substância, faz-se necessário se livrar dos Ídolos que são formados na mente, tanto dos Ídolos provenientes do nosso interior, o Ídolo da Caverna e o Ídolo da Tribo, como os provenientes de fora, o Ídolo do Foro e o do Teatro. Ele dizia que era preciso avaliar as circunstâncias em que um fenômeno ocorre (ou não ocorre), detalhando seus casos particulares para relacionar um ao outro.

Esse pensamento por **indução**⁸ levaria ao conhecimento que, para o filósofo, era o caminho para o homem passar a usar as forças da natureza a seu favor. Bacon é um dos ícones do empirismo e considerado, junto a Descartes, um dos fundadores da filosofia e da ciência moderna, graças a sua defesa do método experimental contra a ciência especulativa clássica. Bacon visava a reforma filosófica que garantisse o progresso das ciências contra a Escolástica. Criou o método indutivo, a fim de combater os erros provocados pelos ídolos, que, dentro de sua filosofia, significavam falsas noções, preconceitos e maus hábitos mentais. Ele pretendia demonstrar sua grande preocupação com os conhecimentos científicos na vida prática.

A ciência deveria valorizar a pesquisa experimental baseada na corrente empirista. O autor inglês se mostra crente em reaver todas as indagações a respeito do conhecimento e como este é encontrado. Numa época em que eles estavam vivendo o auge de aperfeiçoamentos técnicos e industriais, este autor começa a questionar os meios de conhecimentos que vigentes estavam naquela época e através desta indagação percorre um novo caminho, dando uma nova forma de se olhar para a realidade, sendo para ele a única forma de chegar ao conhecimento concreto.

O conhecimento que aqui será transposto é de inteiro paralelismo ao conhecimento que o Visconde de St. Albans se agarrou na metade do período Renascentista, um conhecimento mais probabilístico, que se leva ao viés racional em

⁸ Indução: Por enumeração suficiente ou indução entendemos somente aquela da qual se conclui uma verdade com mais certeza do que com qualquer outro gênero de prova, salvo pela simples intuição". (ABBAGNANO, 2007, p. 389)

segunda instância, ou seja, que prove a partir da experiência que tais naturezas naturante é e podem ser usadas para fundar e medir outras coisas. Para ele o conhecimento não é uma coisa inata ou puramente racional, contudo primariamente produto de observações e constatações da realidade dada. O conhecimento tem início e fim na própria natureza, pois esta foi criada para o homem dominar, criar-se individualmente e criar leis e modos de vida em forma de sociedade.

Na perspectiva de Batista (2010), Bacon não é considerado uma autor diretamente ligado a educação, porém ajuda a ter uma noção mais prática do que é ser educador nos tempos atuais:

Embora Bacon não deva ser considerado, *stricto sensu*, um teórico da educação, dado que a sua obra em geral não se debruça sobre a problemática pedagógica em particular, isso não significa que do seu pensamento não seja permitido tirar conclusões de caráter educativo, considerando-se que a presença maciça das ciências na educação (sobretudo na educação contemporânea) supõe uma fundamentação e uma justificação, as quais uma abordagem sobre a epistemologia baconiana teria condições de esclarecer. (BATISTA, 2010, p. 164)

Para chegar a uma conclusão, esse tipo de raciocínio parte do específico para o geral. Assim, de uma premissa particular há uma generalização até chegar no universal, sendo este não o fim, todavia abertura para novos meios de análise, ou seja, um universal dos particulares. Note que ele pode criar conhecimentos novos.

Exemplo:

Todo gato é mortal.

Todo cão é mortal.

Todo pássaro é mortal.

Todo peixe é mortal.

Logo, todo animal é mortal.

Para este exemplo, fizemos a análise em certo ambiente por vários dias e neles observamos estas espécies, modo de vida, alimentação e mortalidade. No final, concluímos que no determinado local, as espécies que ali viviam eram mortais, criando assim um panorama geral de uma mortalidade dos animais ali presentes.

Se por acaso encontrar um animal que sai desta primeira análise, podemos inferir novamente, e assim, sucessivamente sem cair no erro de uma verdade universal e indubitável. Este tipo de ensino é o de tentativa e erro, que demonstra que uma verdade particular encontrada em um segundo momento pode ser novamente colocada em análise e assim formar um novo conhecimento e evolução do primeiro.

Ele é um autor que preza um empirismo, sendo este visto como radical, pois, para ele todo o conhecimento tinha que passar pela observação, experimentação e constatação das coisas dadas oferecidas pela natureza. Seu empirismo é um meio de transformação das coisas existentes em novas, proporcionando assim, a base da cientificidade, ou seja, só se chegará a uma lei geral se as leis particulares forem bem observadas e experienciadas de modo gradativo. O conhecimento para ele é uma conquista diária, tentativas e erros até fundamentar uma lei geral, que pode ser mudada ao longo das mudanças que sobrevêm, tanto sobre os homens, quanto sobre o mundo. A obra, que é a base neste momento, foi escrita em sua juventude, *Progresso do Conhecimento* e conta com um ar um pouco religioso como este mundo foi criado e como ele foi deixado a disposição do homem, para a partir dele, ele se construir e construir seu próprio conhecimento, desmistificando e desintegrando a ideia da existência de outro mundo perfeito, como Platão transcreveu em sua filosofia, ou de um conhecimento primariamente deducional, ou seja, puramente racional como assim pensava Aristóteles. “[...] o verdadeiro filósofo científico deve espelhar-se na abelha” (OLIVA, 1990, p.23), pois estas trabalham em equipe coletam a matéria prima nas plantas e formam seu próprio mel com seu próprio esforço e “[...] recurso” (BACON, NO Livro I, 1979, XCV, p.63).

A abelha representa a posição intermediária: recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere. Não é diferente o labor da verdadeira filosofia, que se não serve unicamente das forças da mente, nem tampouco se limita ao material fornecido pela história natural ou pelas artes mecânicas, conservado intato na memória. (BACON, NO Livro I, 1979, XCV, p.63)

Elas nos ensinam a fazer uma coleta minuciosa de dados, assim como a busca dela pelo pólen das flores, observação classificatória e uma “[...], generalização atenta sobretudo à possibilidade de se manifestarem casos contrários ao que tem se configurado como regularidade constatada.” (OLIVA, 1990, p.23).

O princípio de sua teoria era trazer uma forma de conhecimento que pudesse ser celebrada e vivida por todos e não ficasse presa só nas mãos dos “doutos” como ele dizia em sua obra. Esta forma acabaria de vez com a corrupção do saber, pois todos passariam a entender o fundamento da respectiva coisa, buscando sua forma, investigando e formulando suas hipóteses, deixariam de ser enganados pelos espertos e assim conseguiriam valor e respeito, o que não se tinha, porque com o modo antigo de conhecimento e a esperteza do homem sempre teria uma divisão

clássica no saber, aqueles que tinham conhecimento e riqueza e os que não tinham, sendo eles os guiados pela esperteza dos ditos sábios. A partir desse pensamento, cunhou a célebre frase “[...] Saber é Poder” (GRUBBA, 2012, p. 6100), e onde ele estava senão na natureza, sim no objeto a ser observado questionado e sendo ele propagador de sabedoria (BACON, 2006).

O homem é e pode ser em qualquer momento dono do conhecimento, basta se desvencilhar das ilusões fatídicas do conhecimento dos antigos filósofos. Conhecimento ilusório e teatral dos gregos antigos e dos membros da Escolástica que muito beberam deles. Pode-se citar outras instâncias que também contribuíram para esta ilusão, como o ensinar dos alquimistas e dos ditos magos.

O método pelo qual toda sua filosofia é escrita e afirmada, proporciona-nos uma forma de entendimento mais clara e objetiva do que temos que transformar a nível de educação para que esta leve ao aluno ser mais atento e produtor da realidade no espaço em que vive. Na perspectiva de Batista (2010) temos:

O método indutivo baconiano é uma proposta trabalhosa, porém mais segura, de construir conhecimentos, uma vez que se apoia na experiência, a qual, por sua vez, precisa estar organizada de maneira que ofereça ao investigador o acesso à veracidade e não a imersão na falsidade, seguindo pela via da observação e não divagando pela via da imaginação, uma vez que a distinção feita por Bacon entre ciência e poesia revela que aquela é um saber fundado em fatos (estando, portanto, totalmente comprometida com a realidade tal qual o é) e esta é um saber baseado em quimeras (o que significa afirmar que a poesia não tem, necessariamente, compromisso com a constatação da realidade, sendo mais uma elaboração imaginária desta); pedagogicamente, isso pode ser explorado no que diz respeito à distinção entre aquilo que existe realmente (objeto de estudos científicos) e aquilo que existe imaginariamente (objeto de elaborações poéticas), ou seja, uma educação científica funda-se sobre o que se observa ou se percebe e uma educação poética funda-se sobre aquilo que se imagina ou se sente. (BATISTA, 2010, p. 183)

Destarte, imbuído do espírito de retificação do conhecimento, próprio da Renascença, a filosofia baconiana fará coro em prol de argumentar que: “O espírito humano erra em meio a quimeras; é preciso fazer tábua rasa das doutrinas antigas, fazer o balanço crítico do saber, pôr em evidência aquilo que ele contém de erros inerentes à razão humana, e daí indicar o caminho verdadeiro, um método como condição de possibilidade de uma ciência nova” (HUISMAN, 2004, p. 106).

O conhecimento é construído na medida que o homem o busca, ele se manifesta a partir do trabalho, da observação, da experiência e por fim na conclusão, ele é progressivo na proporção do querer do homem e adquiri-lo. “Ciência e poder do

homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática” (Bacon, 1979, p. 33). Um exemplo retirado de seus livros, aconteceu quando, quase perto da sua morte, ele queria descobrir se o gelo era um bom conservante para comidas como o sal, então em um dos invernos rigorosos que sobreveio sobre a cidade Highgate, local por onde estava passando em sua viagem. A hipótese era que o gelo poderia vir a ser um conservante, então, ele matou uma galinha e colocou-a sob a neve em um local bem gelado e a deixou ali por vários dias e ia gradativamente observar como estava o experimento. Mas por ser um local muito frio, ele acabou adoecendo e de cama pediu para alguém ir fazer o último dia de experiência, quando houve a veracidade da hipótese.

Constatou nesses vários dias que a carne não apodreceu e nem veio a ter mal cheiro. Concluiu, então, a partir experimento que a carne, como foi pensada por ele pode ser preservada a partir de sua submersão em uma temperatura muito baixa, assim como outros tipos de alimentos que precisavam de conserva em sua época.

Neste período, o que invoca em Bacon esta necessidade de fazer algo concreto em relação a longevidade, é o surgimento de alguns inventos de sua época que o empolgaram e deram a ele esta força de inovar o conhecimento, que de certa forma foi um grande avanço no tempo em que viveu e que, até hoje, podemos perceber em algumas áreas a utilização de seu método, por exemplo, na medicina, que se usa a constatação de fatos por um longo período de tempo para se fazer uma vacina e, se esta não for eficaz, faz-se novamente uma análise e produz em determinado ou outro produto que se eleva em porcentagem a sua boa eficácia, até estar pronta para a aplicação no paciente.

Essa esquematização é a base primária de boa parte dos requisitos científicos metodológicos de hoje, não sendo observada na íntegra, mas é por ela que se há uma relação concreta entre sujeito e objeto, como assim descreve Batista (2010):

Além da elaboração de uma sistemática e de uma metodologia filosófico-científica, Bacon também é responsável por estabelecer o primado do sujeito do conhecimento em relação ao seu objeto, uma vez que a sua epistemologia foi concebida a partir do *cognoscente* (sujeito do conhecimento) e não do *cognoscível* (objeto do conhecimento), o que se verifica tomando-se a classificação dos saberes por ele proposta, a qual foi feita tendo-se como critério primário as faculdades das quais dispõe o sujeito cognoscente para representar para si mesmo o objeto cognoscível. (BATISTA, 2010, p. 182)

Portanto este prelúdio sistemático é o que leva hoje estabelecer este encontro formal entre o sujeito, totalmente desvencilhado de seus ídolos e más inclinações, e o objeto que a partir de analisado, manipulado, constatado se chega a conclusão parcial de um conhecimento do universal setorizado pelo ambiente de análise e que pode ser evoluído a partir de novas incisões analíticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão fundamental que permeou este trabalho foi a seguinte: **Qual a medida, segundo Bacon, para que o método articulado pudesse ser realmente o fundamento do conhecimento do homem em relação aos campos filosóficos/científicos?** Percebe-se nessa teoria, que mesmo trabalhosa, possui o intuito de dispersar as falsidades impostas a mente humana, a individualização exacerbada e uma retomada de um verdadeiro e promissor conhecimento que os fazem interagir entre si e analisando a realidade modificando reconstruindo-a em forma de boa vida como conclusão das coisas.

Bacon foi um grande empirista e seu método indutivo revolucionou toda a filosofia do final do século XVI e as dos anos posteriores. Ele é um dos ícones do empirismo e considerado, junto a Descartes (racionalista), um dos fundadores da filosofia e da ciência moderna, graças a sua defesa do método experimental contra a ciência especulativa clássica. Bacon visava uma grande reforma filosófica que garantisse o progresso das ciências contra as falsas ideologias existentes ou os falsos ídolos que se apoderaram da mente humana (GRUBBA, 2012).

Quando pegamos as coisas, temos a alusão daquilo já existir pronto e acabado antes que nós o conheçamos tal como é. Dá-se esta impressão de que o conhecimento para fazer tal coisa é inato, mas na verdade são axiomas particulares trabalhados para se chegar na forma que estamos e no nível de conhecimento que encontramos. Não é porque já tem uma forma para criar tal coisa que todo conhecimento está ali estagnado.

O Saber propriamente dito não surge de axiomas gerais preexistentes no tempo e na história, porém de axiomas particulares que, se Unidos formam os axiomas gerais, podem ser mudados através de novos axiomas particulares.

A partir deste ponto, em linhas gerais para ele, é uma recompensa da criação, o qual Deus, peça importante em sua inicial filosofia, é aquele que transfere o poder contido na natureza (luz, terra, temperatura...) para o homem, para que ele através de especulação possa comprimi-lo, condensá-lo e usá-lo a seu favor e também para o favorecimento da comunidade, trabalhando juntos para o fornecimento da boa vida. Pode-se entender, através destas, que o homem é e sempre foi determinado a isso, mas que pela distorção que os ídolos provocaram em sua mente, esqueceram-se

disso e começaram a criar sistemas, que em vez de trazerem prazer para a vida de todos, estes eram dados a alguns e os outros, a maioria, tornavam-se escravos.

Mesmo que ele não tenha conseguido colocar tudo em prática, deixou-nos meios de entender a relação sujeito e objeto, e que, a partir desta construção esquematizada, podemos sim, chegar a um bom saber como poder e elevação do homem, a partir do momento que este se torne menos ideológico e mais prático, que comece a analisar as coisas a sua volta e delas tirar o máximo de soluções para seu bem estar.

Em suma, o método indutivo, ao qual ele se apoiou ajuda na certeza dos fatos obtidos a partir do experimento contínuo e gradativo dos fenômenos. O apoio que ele busca na experiência é o pilar central de toda sua influência na filosofia, porém ela precisa estar bem organizada, oferecendo ao observador/ investigador a conclusão verídica e não uma noção falsa como nos apresenta a imaginação. Este é um pensamento intrigante que pode, ainda hoje, trazer grandes revoluções se revisitado, colocado em análise e constatado.

REFERÊNCIAS

BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza; Nova Atlântida**. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **The Proficiency and Advancement of Learning Divine and Humane (1605) Progresso do Conhecimento**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2006.

BATISTA, Gustavo Araújo. **FRANCIS BACON: para uma educação científica**. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.11, n. 23, p. 163-184, dez. 2010. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24137> > Acesso em: 3 abr. 2019.

BÍBLIA, português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CATOLICISMO. In: BROSSE, Oliver de La; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. **Dicionário de Termos da Fé**. São Paulo: Santuário, 1989, p. 151.

CRISTIANISMO. In: SABBAG, David Conrado. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro – DCL, 2005, p. 101.

EMPIRISMO. IN: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 377.

GRUBBA, Leilane Serratine. **Método Empírico-Indutivo: de Bacon aos trabalhos científicos em direito**. **Revista do Instituto do Direito Brasileiro RIDB**, Lisboa Portugal, n.10, p. 6097, ano 1. 2012. Disponível em: < <https://blook.pt/publications/publication/bd473b8c0038/> > Acesso em: 3 abr. 2019.

HUMANISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 602.

ÍDOLOS. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 617.

ÍDOLOS. In: HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.106.

INDUÇÃO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 389.

MECANICISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 755.

OLIVA, Alberto. A hegemonia da concepção empirista de ciência a partir do Novum Organum de F. Bacon. In:_____. **Epistemologia: A Cientificidade em Questão**. Campinas; São Paulo: Papirus, 1990. p. 11-33.

PROTESTANTISMO. In: BROSSE, Oliver de La; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. **Dicionário de Termos da Fé**. São Paulo: Santuário, 1989, p. 626.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

RENASCIMENTO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 1006 .

ZATERKA, Luciana. Fundamentos metafísico-teológicos na filosofia experimental de R. Boyle e J. Locke: a questão da contingência. In: OLIVA, Luis Cesar (Org). **Necessidade e contingência na modernidade**. São Paulo: Barcarolla, 2009, p. 157-186. Disponível em: <<http://www.afhic.com/wp-content/uploads/2019/01/a-importancia-da-historia-natural-baconiana.pdf>> Acesso em: 3 abr. 2019.